

Fractais de Criptocabalismo: micro-história e sociologia do segredo no Nordeste brasileiro

Caesar Malta Sobreira *

O conhecimento e a memória são a mesma coisa.
[Gustav Meyrink, *O Golem*]

Escrever sobre Cabala, o profundo misticismo judaico, desde o *locus* onde impera a tirania da lógica formal – a universidade – é um repto aceito por historiadores que o tratam quase sempre como objeto de descrição. Esta tradição intelectual tem uma rica linhagem: começou com a estrela fulgurante de Gershom Scholem e alcançou, na atualidade, intensa resplandecência através das obras de Moshé Idel. Tanto Scholem quanto Idel estão vinculados à história da Universidade Hebraica de Jerusalém. Hoje, Scholem anda filosofando na Academia Celestial, enquanto Idel está a caminho...

E do lado de cá do mundo, imerso no reino de Edom, o professor Marcos Silva tem a ousadia de trilhar esse difícil caminho das pedras, que são preciosas para quem domina a arte de lapidar joias raras. Este autor rastreia pistas cabalísticas através de pesquisa pós-doutoral tendo como objetivo descrever fractais de criptocabalismo no Seridó semita, que se manifestam enquanto arcaísmos da cultura e da mística hebraica inscritos no complexo cultural do Caicó judaico. Mas sua análise tem, como ponto de partida, um contraponto ficcional: o *Romance d'A Pedra do Reino* – o alucinado romance do imortal Ariano Suassuna.

Tendo em perspectiva o catolicismo rudimentar praticado pelos sertanejos dispersos nos rincões esquecidos do Nordeste, busca o pesquisador descrever elementos da cosmovisão mística e messiânica que [des]integra o catolicismo romano praticado nas lonjuras do sertão. Para *descobrir* elementos da cabala judaica na religião popular sertaneja, deve-se partir da suposição da existência (sob a pátina da religião católica) de fragmentos da religião judaica na cultura popular do Nordeste.

O panorama cultural do Nordeste possui, como um palimpsesto, diversas camadas de fragmentos significantes que – qual metáforas iniciáticas – escondem mais

* **Caesar Malta Sobreira** é Professor Titular de Antropologia na Universidade Federal Rural de Pernambuco. Possui graduação em Psicologia (UNICAP) e em Direito (UFPE), especialização em Metodologia do Ensino Superior (UECE), mestrado em Direitos Humanos (Universidad Pontificia de Salamanca), doutorado em Filosofia e Ciências da Educação (Universidad de Salamanca) e pós-doutorado em Linguística (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro). No momento, realiza pós-doutorado em Etno-Antropologia (Università Sapienza di Roma). É autor do *Nordeste Semita* (São Paulo: Global, 2010), com o qual foi galardoado com o Prêmio Nacional Gilberto Freyre.

que revelam. De onde provêm tais fragmentos, que ressoam nos interstícios do inconsciente individual e coletivo do nordestino?

As respostas a tal indagação foram elaboradas por luminares dos estudos sobre judaísmo no Nordeste. De Arnold Wiznitzer a Gilberto Freyre, de Gonçalves de Mello a Jacques Cukierkorn, de Câmara Cascudo a Ariano Suassuna, de Anita Novinsky a Nathan Wachtel, uma plêiade de historiadores, sociólogos, antropólogos e estudiosos da religião se debruçaram sobre esse fenômeno, a saber, o conjunto polifônico de ressurgências fractais judaico-cabalísticas no Nordeste do Brasil, do qual derivariam inflorescências de criptojudaísmo e daquilo que denominei de criptocabalismo.

Agora, acrescenta-se à constelação de autores que trataram da nossa herança judaica – de modo direto ou oblíquo – o nome de Marcos Silva, pesquisador imerso nos domínios de um incerto saber sobre o sagrado, cujo trabalho à frente do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe o colocou na vanguarda das pesquisas de ponta no que se refere a judaísmo e suas derivações criptojudaicas e criptocabalísticas.

Neste seu livro, Marcos Silva traça um itinerário que transporta o leitor através dos fundamentos teóricos imprescindíveis ao estudo, desde uma perspectiva micro-histórica da secretude intrínseca ao fenômeno abordado para, baseado no *paradigma indiciário* guinzburguiano, desvelar o mundo secreto dos símbolos criptografados na cultura popular sertaneja.

Marcos Silva deixa escapar sua estupefação ante a ausência de qualquer referência à cabala em um estudo contemporâneo sobre feitiçaria e religiosidade no Brasil colonial. Isso decorre de a autora de tal obra ter ignorado uma passagem famosa da não menos célebre *História do Brasil 1500-1627*, de Frei Vicente do Salvador, o Heródoto brasileiro. O texto trata de como um cristão-novo, Vasco Fernandes de Lucena, o primeiro alcaide-mor de Olinda realizou um milagre. Eis o fato, consignado por Frei Vicente do Salvador:

E era esse Vasco Fernandes de Lucena tão bem temido e estimado entre os gentios que o principal se tinha por honrado em tê-lo por genro, porque *o tinham por grande feiticeiro*. E assim uma vez que o cerco [a Duarte Coelho, refugiado na torre da vila de Olinda] era mais apertado e estavam os de dentro receosos de os entrarem, saiu ele só fora e lhes começou a pregar na sua língua brasílica que fossem amigos dos portugueses, como eles o eram seus, e não dos franceses, que os enganavam e traziam ali para que fossem mortos. *E logo fez uma risca no chão com um bordão que levava, dizendo-lhes que se avisassem que nenhum passasse daquela risca pera a fortaleza, porque*

todos os que passassem haviam de morrer. Ao que o gentio deu uma grande risada, fazendo zombaria disto, e sete ou oito indignados se foram a ele para o matarem, mas, em passando a risca, caíram todos mortos, o que visto pelos mais levantaram o cerco e se puseram em fuga.

Não crera eu isto, posto que o vi escrito por pessoa que o afirmava, se não soubera que neste próprio lugar onde se fez a risca, defronte da torre, se edificou depois um suntuoso templo do Salvador, que é matriz das mais igrejas de Olinda.¹

Esta teria sido, portanto, a primeira manifestação de criptocabala em terras brasileiras. Lucena usou círculo mágico de proteção e, talvez, um golem tornado invisível pelas artes ocultas da cabala. O mito do antropeide artificial foi descrito por Gustav Meyrink², Gershom Winkler³, Elie Wiesel⁴ e Isaac Bashevis Singer⁵. Aqui não caberia explicar como seria possível articular as *malasartes* do Lucena com o mito judaico-europeu. Mas já o fiz antes, ainda que desde outra perspectiva, quando analisei o criptocabalismo no *Romance d'A Pedra do Reino*.⁶

Através do “feiticeiro” Lucena a cabala fez sua aparição pioneira na história do Nordeste. Mas não terá sido a última inferência. Séculos depois, mais precisamente em 1838, após o massacre da Pedra Bonita [episódio sobre o qual Ariano escreveu seu romance abilolado], a tropa escoltava o *profeta* João Antonio dos Santos, o primeiro rei da Pedra Bonita, quando ocorreu o seguinte:

Consta do processo sobre o *Reino Encantado* que, quando a tropa escoltava João Antonio dos Santos, ao passar diante de uma lagoa nas proximidades do arraial, o *profeta* começou a entoar uma canção (encantada?) que provocou mal-estar físico nos oficiais de justiça, causando a morte de um deles. O relato do cabo que comandava o destacamento é revelador:

Ao nos aproximarmos do lago de Vila Bela, o preso começou a cantar uma melodia desconhecida, cujas palavras não entendemos porque não era língua de cristão. Os oficiais do Sr. Juiz caíram de seus cavalos e eu mesmo comecei a passar mal. Então disparei, junto com os soldados, contra João

¹ Frei Vicente do Salvador, *História do Brasil 1500-1627*. São Paulo: Melhoramentos, 1965, p. 132-133.

² Gustav Meyrink, *Der Golem*. Leipzig: Kurt Wolff Verlag, 1917.

³ Gershom Winkler, *O Golem de Praga*. São Paulo: Lubavitch, 2006.

⁴ Elie Wiesel, *O Golem*. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

⁵ Isaac Bashevis Singer, *The Golem*. Farrar, Straus, Giroux, 1992.

⁶ Vide o ensaio “Etnografia do criptocabalismo na cultura nordestina: análise das referências cabalísticas no *Romance d'A Pedra do Reino*”. Em Caesar Sobreira, *Cartografia da Alma: sete ensaios metafísicos*. Cabo Frio/RJ: Helvetia, 2017, p. 57-96.

*Antonio, e só quando ele morreu é que pude respirar e vi que escapara de morrer ali.*⁷

Pelo exposto, vê-se que Pedro de Rates Henequim, não foi o primeiro experto na *sciencia caballa*, já que teria sido antecedido em dois séculos pelo alcaide-mor de Olinda, o valeroso Lucena. Mas o pesquisador Marcos Silva, utilizando o método investigativo, encontrou vestígios cabalísticos dispersos aqui e alhures, cotejando o criptocabalismo nordestino com o mesmo fenômeno ocorrido no norte de Portugal, terra dos judeus secretos descobertos por Samuel Schwarz no início do século XX.⁸

O percurso teórico realizado por Marcos Silva permite sustentar a hipótese da existência no Sertão nordestino “de uma religiosidade inspirada no misticismo judaico [...] perceptível apenas aos iniciados” e esquecida “pelo olhar da ciência tradicional”, afirma o autor. Baseadas no *poder da palavra* (principal instrumento de estripulias místicas), essas práticas seriam “comuns na cultura sertaneja e presentes na obra de Ariano Suassuna”, sustenta Marcos Silva ao descrever a *encriptação cultural dos marranos*.

Ao abordar o *modo sertanejo* de encarar a morte, o autor realiza uma aproximação ao *Sefer Zohar*⁹, ou *Livro do Esplendor*, verdadeira “bíblia” da cabala que, junto com o *Sefer Bahir*¹⁰ e o *Sefer Yetzirá*¹¹, formam a tríade fundamental e imprescindível da mística judaica. O *Zohar* introduz concepções sobre a vida, a morte e até ao sexo de Deus que bordejam a heresia. Neste sentido, trata-se de uma obra destinada aos iniciados nas artes da *ciência cabala*, acessível apenas a homens, maiores de 40 anos e que tenham prole.

Com tais referências, Marcos Silva tem consciência de fazer periclitar a heterodoxia acadêmica ao produzir uma contra-história: coletando fragmentos de memórias, utilizando o paradigma indiciário, interpretando o secretismo [quase patológico] característico do criptojudaísmo e reconhecendo como verdadeira a existência de um criptocabalismo subjacente à religiosidade sertaneja, o autor se torna expoente dessa nova escola histórico-antropológica que, ultrapassando o Rubicão da

⁷ Waldemar Valente, *Misticismo e religião: aspectos do sebastianismo nordestino*. Recife: Asa, 1986, p. 56; e Caesar Sobreira, *Nordeste Semita: ensaio sobre um certo Nordeste que em Gilberto Freyre também é semita*. São Paulo: Global, 2010, p. 142-143.

⁸ Samuel Schwarz, *Os cristãos-novos em Portugal no século XX*. Lisboa: Universidade Nova, 1993.

⁹ *El Zohar: Sefer ha-Zohar*. [26 volumes]. Barcelona: Obelisco, 2006-2019.

¹⁰ *Bahir: o Livro da Iluminação*. [Rabi Nehuniá Ben-Hakana]. Rio de Janeiro: Imago, s/d.

¹¹ *Sefer Ietsirá: o Livro da Criação*. [Versão Ariei Kaplan]. São Paulo: Sêfer, 2002.

hiperortodoxia da *ratio* greco-latina, favorece o surgimento de uma nova hermenêutica que busca superação da violenta normatividade da razão.

Esta obra é um ponto de partida, e não de chegada, por apresentar mais perguntas que oferecer respostas, por propor mais enigmas que desvelamentos. Assim, problematizando mais que solucionando as questões trazidas à baila, Marcos Silva quase que impõe ao leitor a arte da decifração das letras, dos números e dos sinais [cripto]cabalísticos que povoam nossa existência.

Quero encerrar esta apresentação congratulando o Prof. Dr. Marcos Silva – inspirado na sabedoria da cabala e na *esperteza* do criptocabalismo – pela façanha de abrir as portas desse conhecimento iniciático a todos os que por ele sintam atração metafísica, “para que esses segredos sejam aprendidos pelos sábios de coração.”¹²

Mazal tov, Marcos Silva!

Caesar Sobreira
Università Sapienza
Roma, primavera 2019

¹² *El Zohar*. [Vol. XIV]. Barcelona: Obelisco, 2012, p. 169.